

Marília Velano

Razão onírica, razão lúdica

Perspectivas do brincar em Freud, Klein e Winnicott



Blucher

RAZÃO ONÍRICA, RAZÃO LÚDICA

*Perspectivas do brincar em
Freud, Klein e Winnicott*

Marília Velano

Razão onírica, razão lúdica: perspectivas do brincar em Freud, Klein e Winnicott

© 2023 Marília Velano

Editora Edgard Blücher Ltda.

SÉRIE PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coordenador da série Flávio Ferraz

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonatas Eliakim

Produção editorial Luana Negraes

Preparação de texto Maurício Katayama

Revisão de texto MPMB

Capa Leandro Cunha

Imagem de capa iStockphoto

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Velano, Marília

Razão onírica, razão lúdica: perspectivas do brincar em Freud, Klein e Winnicott / Marília Velano. – São Paulo : Blucher, 2023.

340 p. (Coleção Psicanálise Contemporânea)

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-800-9

1. Psicanálise 2. Brincadeiras – Psicanálise 3. Sonho e psicanálise I. Título. II. Série.

23-0504

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

I. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	11
1. O brincar em Freud: um sonho expandido	31
2. O brincar em Klein: da educação psicanalítica à psicanálise com crianças	97
3. O brincar em Winnicott: três lições e dois jogos para uma aula de objeto	175
4. Fundamentos para uma razão lúdica: estética, espaço e materialidade em perspectiva	277
Considerações finais	317
Referências	323
Série Psicanálise Contemporânea	337

1. O brincar em Freud: um sonho expandido

Razão onírica, razão lúdica

No trabalho científico, quando a solução de um problema apresenta dificuldades, é muitas vezes vantajoso acrescentar um segundo problema, assim como é mais fácil quebrar duas nozes juntas do que separadamente.

Sigmund Freud (1900/2019)

A teoria do sonho ocupa um lugar singular na tradição psicanalítica. Seu reconhecimento, ao lado do inconsciente e do complexo de Édipo, foi considerado um sinal distintivo de adesão ou exclusão ao campo da psicanálise. Para Freud, esses seriam os fundamentos diante dos quais o psicanalista não poderia retroceder e a partir

de onde ele sustentaria a sua prática clínica e de pesquisa.¹ Extensamente retomada pelas gerações de psicanalistas que o sucederam, a teoria do sonho corresponde a uma matriz do pensamento psicanalítico do qual emerge o modelo do aparelho psíquico freudiano, sua metapsicologia e as razões que orientam a sua técnica: transferência, associação livre e interpretação. Constitui, dessa maneira, o modelo tanto do funcionamento psíquico quanto da atuação clínica, guardando o benefício de ser o exemplo que provém de um fenômeno da normalidade. Vindo dos estudos sobre as formações psicopatológicas – histeria, fobia, ideia obsessiva, Freud pretende demonstrar como a inteligibilidade do sonho é correspondente àquela do sintoma e passa a aplicar-lhe o mesmo procedimento de investigação, consolidando uma estrutura homóloga entre as formações do inconsciente.

A arqueologia da racionalidade onírica descoberta por Freud contém ainda um vínculo importante com a cultura por ter sido um fenômeno do campo do misticismo e da crença popular. Freud chamava a atenção para o notório saber popular que se debruça sobre os sonhos como premonição do futuro.² Ele se distancia da

-
- 1 Fulgencio (2008b) explicitou que o termo *Shibboleth*, usado por Freud, corresponde a uma palavra usada no Velho Testamento para diferenciar aqueles que podiam pronunciar-la corretamente (judeus) dos que não podiam (não judeus). Trata-se de uma prova de pertinência ao grupo que resulta numa questão de vida ou de morte. Traduzido para o português como senha, o *Shibboleth* designa na linguística moderna o traço de pronúncia que permite identificar o pertencimento a um grupo. Freud usou o termo em três momentos: para caracterizar o inconsciente como o primeiro *Shibboleth* da psicanálise (Freud, 1923, p. 258), a teoria dos sonhos como um *Shibboleth* (Freud, 1933/2010, p. 87), e o complexo de Édipo como o *Shibboleth* da psicanálise (Freud, 1905/2016).
 - 2 “Tive de reconhecer que temos aqui um daqueles casos, nada raros, em que uma crença popular muito antiga e teimosamente persistente parece mais próxima da verdade das coisas do que o juízo da ciência moderna. Preciso insistir que o sonho realmente tem um significado e que um procedimento científico da interpretação dos sonhos é possível” (Freud, 1900/2019, p. 131).

cultura popular, no entanto, quando estabelece a direção do desvendamento do sentido no passado e aproxima-se dela novamente ao manter o vínculo do sonho como uma modalidade de função terapêutica. Este vai e vem da cultura para a clínica, do popular para o erudito, do individual para o compartilhado, do intrapsíquico para o intersubjetivo, marcou de tal maneira – graças à teoria dos sonhos – o processo histórico da psicanálise que superou a própria teoria da qual deriva, tornando-se uma expansão teórica, técnica, clínica e até mesmo ética que estamos nomeando aqui como razão onírica.

No derradeiro capítulo da obra *A interpretação dos sonhos*, depois de muitas reedições, vemos Freud se interrogar, retoricamente, como era habitual, sobre qual seria o valor do sonho para o conhecimento futuro. Ao dizer “Isso está fora de questão”, ele mesmo se responde:

Deveríamos falar, em vez disso, do seu valor para o conhecimento passado. Pois do passado é que provém o sonho em todo sentido. É verdade que a antiga crença de que o sonho nos mostra o futuro não é inteiramente desprovida de verdade. Ao representar um desejo como realizado, o sonho está nos levando para o futuro, de fato; mas esse futuro que o sonhador toma como presente é modelado, pelo desejo indestrutível à imagem e semelhança do passado. (Freud, 1900/2019, p. 675)³

Do futuro, então, trazemos as confirmações premonitórias de Freud sobre o inquestionável valor dessa teoria com alguns ajustes e rupturas que a história não deixou passar em branco. O trabalho

3 Freud será citado segundo a classificação estabelecida por Tyson e Strachey (1956).

da sessão analítica parte do modelo do sonho como seu exemplar em que estarão presentes para a figura do analista, por meio do deslocamento, para a figura do analista, o desejo infantil confundido em sua temporalidade.

Este capítulo tem como ponto de partida os fundamentos dessa razão onírica, tentando compreender sua articulação mais ampla com o tema do brincar. A teoria dos sonhos é a perspectiva de maior envergadura que atravessa as aparições pontuais do brincar em Freud. Por esse motivo, compreender seus fundamentos é compreender o modo como ele abordou o brincar, uma vez que, insistiremos ao longo do texto, o brincar em Freud pode ser considerado uma expansão do sonho.

Insistiremos também no fato de que não se trata, no entanto, de uma expansão que não guardaria suas especificidades. Veremos com Fédida (1978) como a relação do trabalho do brincar é equivalente ao trabalho do sonho, com a diferença de que o brincar desfuncionaliza os objetos da realidade, enquanto o sonho transfigura os restos diurnos, colocando-os à disposição da figurabilidade psíquica. Partindo dessa consideração, veremos como, ainda que tratadas em sua complementariedade, a razão onírica e a razão lúdica são estruturadas a partir de diferentes coordenadas. O tempo e a figurabilidade como coordenadas da razão onírica, o espaço e a materialidade como coordenadas da razão lúdica.

Tempo e figurabilidade: coordenadas para uma razão onírica

Freud evoca desde o começo da sua obra uma tradição do desvendamento de um sentido oculto, via interpretação, tratando o trabalho do sonho de maneira similar a um texto, que cumpriria a função de realização alucinatória de desejo infantil. O sonho, ele nos diz, é um “enigma pictórico” (Freud, 1900/2019, p. 319) diante

do qual se deve procurar substituir cada imagem por uma sílaba ou uma palavra representada de alguma forma pela imagem: “as palavras que assim se formam deixam de ser sem sentido e podem resultar numa bela significativa frase poética” (p. 319). Ele se serve de uma leitura criptográfica que se daria *en détail*, contrapondo-se ao método popular que o toma *en masse*, que interpreta o simbolismo do sonho integral. A característica da sua leitura criptográfica, segundo ele, ao contrário da popular, não utiliza uma chave fixa para traduzir determinado conteúdo de um sonho, podendo o mesmo conteúdo onírico estar referido a sentidos diferentes.

A capacidade de expressão do sonho se dá, então, somente mediante o trabalho da interpretação. Pontalis (1977) chama a atenção para a relação indissociável em *Die Traumdeutung* que condensa em um só termo o sonho e sua interpretação, na medida em que Freud os concebe como uma única atividade, prestando pouca atenção à experiência do sonhar em si mesmo. Para o psicanalista francês, “o desejo de se constituir um mestre dos sonhos conduziu Freud a analisar sua produção, a maneira como eles são fabricados, mais do que a procurar as condições da sua criação e do poder criador que eles testemunham” (Pontalis, 1977, p. 22), seu interesse é pelo trabalho do sonho. O risco que se corre ao ler a interpretação dos sonhos inadvertidamente é o de confundir o objeto-sonho com a teoria e o método psicanalítico, embora nos lembre Pontalis que essas questões não estejam completamente desarticuladas.

Nosso ponto de partida é o trabalho do sonho nos moldes como foi pensado desde Freud, em sua articulação lógica com a linguagem, e veremos adiante como essa passagem do sonho-texto para o sonhar em si mesmo, que é realizada sobretudo na teoria winnicottiana, introduz uma nova lógica na qual o brincar passa a ocupar um lugar fundamental para a compreensão da clínica e da teoria psicanalítica.

A falta de conexão lógica dos pensamentos oníricos é correspondente, para o jovem inventor da psicanálise, ao que se vê também nas artes plásticas, na pintura e na escultura em comparação à poesia, por conta da própria natureza do material elaborativo de cada uma. A poesia, segundo ele, por recorrer à fala, estaria mais propensa à significação e à coesão lógica das palavras do que o sonho e as outras artes plásticas. A comparação é interessante não só porque reafirma o parentesco da forma do sonho como um texto, mas também porque, como veremos posteriormente, a produção de sentido vai sendo constituída por elementos que estão cada vez mais aquém do domínio discursivo, com possibilidades reduzidas de representação pela palavra, razão que estará inclusive no centro da grande transformação da sua primeira teoria dos sonhos como realização de desejo e, depois, em 1920, com a postulação da pulsão de morte. O sonho aqui, ao lado das artes plásticas e literárias, como um agente transformador da matéria.

O trabalho do sonho como metáfora do texto ganha novo fôlego na argumentação sobre o modo como o sonho estabelece as suas relações lógicas e causais. As relações lógicas são, segundo ele, estabelecidas por simultaneidade, ou seja, sempre dois elementos próximos um do outro correspondem no pensamento onírico a uma íntima relação entre eles: “É como no nosso sistema de escrita: ab significa que as duas letras devem ser expressas como sílaba; se a e b são separadas por uma lacuna, a deve ser vista como a última letra de uma palavra e b como a primeira da palavra seguinte” (Freud, 1900/2019, p. 316).

A representação das relações causais, por sua vez, consistiria em “introduzir a oração subordinada como sonho preliminar e depois acrescentar a oração principal como sonho principal”, ou então “substituir ou transformar algum elemento do sonho em outra coisa” (Freud, 1900/2019). A causalidade estaria desse modo

representada pela sucessão: a sucessão do sonho ou pela transformação de uma imagem em outra. Freud utiliza as operações de linguagem para representar o sonho como metáfora do texto e introduz o tempo, por meio das noções de simultaneidade e sucessão, como um importante elemento ordenador das relações lógicas.

O modo como os sonhos lidam com as sentenças alternativas excludentes, ou...ou, e ainda com a categoria da oposição e contradição, também não escapou à análise minuciosa do pesquisador. No primeiro caso, os sonhos incluem os dois termos como igualmente válidos e, no segundo, omite deliberadamente qualquer contradição. Em nota acrescentada em 1911 por Freud, vemos a seguinte consideração:

Descobri o fato surpreendente, confirmado por outros linguistas, de que nesse ponto as línguas mais antigas se comportam de forma bem semelhante ao sonho. No início possuem apenas uma palavra para as duas oposições nos extremos de uma série de qualidades ou atividades (“fortefraco”, “velhojovem”, “distanteproximo”, “ligarseparar”) e apenas secundariamente formam designações específicas para os dois opostos, mediante pequenas alterações na palavra primordial comum. (Freud, 1900/2019, p. 360)

As relações lógicas de semelhança, concordância, aproximação, posse de atributos comuns são consideradas os primeiros pontos de apoio para a formação do sonho que consiste, em grande parte, em ampliar essas relações de paralelo. São as identificações que são usadas para representar pessoas e formações mistas quando envolvem a representação de coisas e pessoas ao mesmo tempo, como o exemplo das localidades que representam pessoas. A esse respeito, Freud nos adverte para o fato de que são as formações

mistas que fornecem ao sonho sua aparência fantástica e exemplifica com um sonho contado por Ferenczi em que surge uma figura mista composta da pessoa de um médico e um cavalo que veste camisola.⁴

O trabalho do intérprete dos sonhos, tal como aquele do hieróglifo, não se limita a uma decifração por meio de uma chave fixa, como vimos, e tampouco ao uso do símbolo que pode ser encontrado no “folclore, nos mitos, lendas, provérbios, expressões idiomáticas e chistes de um povo, mais do que nos sonhos” (Freud, 1900/2019, p. 394). Se a relação entre o símbolo do sonho e aquilo que ele representa é óbvia em alguns casos, em outros, permanece oculta. Apesar de não se preocupar com a gênese do símbolo, especificamente, porque acredita que “para fazer justiça ao símbolo a psicanálise deveria abordar outros problemas” (p. 395), Freud traça um percurso da sua natureza genética em que estabelece uma relação por identidade conceitual e linguística, como um resíduo e uma marca da identidade antiga. Anos depois, acrescenta em nota o trabalho de Hans Sperber (Freud, 1912/2012) para apoiar sua teoria genética do símbolo por meio do seu significado sexual. Trata-se de uma teoria em que as palavras originais designavam coisas sexuais, perdendo seu significado ao passarem para outras coisas e atividades. Vemos essas relações ganharem força, como no sonho, pela sua figuração no capítulo sobre *o trabalho do sonho* em que

4 Freud relaciona esses três elementos a partir da análise da paciente quando a camisola foi reconhecida como uma alusão ao pai da sonhadora numa cena da infância. “Tratava-se, em todos os três casos, de objetos de sua curiosidade sexual. Quando ela era criança, sua babá a levava com frequência para o haras militar, onde ela tece oportunidade de satisfazer plenamente sua curiosidade, ainda não inibida na época” (Freud, 1900/2019, p. 368). Ora, ainda que os sinais não sejam interpretados por uma chave fixa, como ele nos ensinou, podemos observar que essa é uma formação híbrida fantástica muito semelhante à que veremos na formação do objeto fóbico e nas brincadeiras infantis em que a composição fantástica é corriqueira.

representam: 1) o chapéu como símbolo do homem, dos genitais masculinos; 2) o “pequeno”, como órgão genital, ser atropelado como símbolo do ato sexual; 3) representação dos genitais por prédios, escadas, poças; 4) órgão genital masculino simbolizado por pessoas e feminino por paisagem; 5) sonhos de castração em crianças; 6) simbolismo da urina, entre outros. Ora, esse repertório simbólico, como veremos, estará transposto de maneira similar na significação de alguns psicanalistas pós-freudianos diante da brincadeira infantil, norteando a interpretação.

É interessante notar como a presença do conteúdo sexual na formação dos símbolos oblitera uma importante dimensão do repertório da destrutividade também constituinte da formação onírica. Embora os exemplos de sonhos apresentem com clareza essa dimensão, a questão sexual parece fagocitar e dominar os interesses da pesquisa freudiana naquele momento que, de fato, estava às voltas com a confirmação da etiologia sexual das neuroses, a descoberta do complexo de Édipo e via no sonho um caminho de ratificação das suas teorias. A certa altura, Freud (1900/2019) nos diz que

apenas a introdução dessas forças sexuais pode preencher as lacunas ainda existentes na teoria da repressão. Se os fatores sexual e infantil são um requisito também na teoria do sonho é algo que deixarei em aberto; deixo essa teoria incompleta nesse ponto, pois já fui além do que pode ser provado ao supor que o desejo no sonho tem origem no inconsciente. (p. 660)

Seguindo nessa direção, pretendemos demonstrar como, por meio da técnica do brincar, a destrutividade, de algum modo já presente no estudo sobre a interpretação dos sonhos, fica evidente

e muitas vezes embaralhada ao sexual, e veremos como esse campo fenomênico será objeto de importantes expansões teóricas desde Klein.

A função realizadora do desejo infantil no sonho parte do modelo da amamentação como cena paradigmática: o bebê mamando na mãe. A “mamada teórica” descreve uma excitação trazida pela necessidade, a fome, diante da qual o bebê depende absolutamente “de uma ajuda vinda de fora”, uma mudança que anula o estímulo interior a partir da vivência de satisfação e que ele realiza, em um segundo momento, quando novamente for confrontado com a necessidade, pelo reinvestimento da percepção que se originou dessa experiência:

Um elemento essencial dessa vivência é o aparecimento de certa percepção (do alimento, nesse exemplo), cuja imagem mnêmica, a partir de então, fica associada ao traço mnêmico da excitação criada pela necessidade. Tão logo essa necessidade volta a se manifestar, ocorre, graças ao vínculo estabelecido, um impulso psíquico que procura investir novamente a imagem mnêmica da percepção e suscitar de novo a própria percepção, ou seja, reproduzir a situação da primeira satisfação. Um impulso desse tipo é o que chamamos de desejo; o reaparecimento da percepção é a realização do desejo, e o pleno investimento da percepção, a partir da excitação devida à necessidade, é o caminho mais curto para a realização de desejo. (Freud, 1900/2019, p. 618)

Se insistimos na apresentação minuciosa desse modelo consagrado do sonho, é porque a dissecação dessa anatomia do desejo infantil descreve ainda uma operação fundamental no trabalho do

sonho esclarecedora da sua aparência absurda e fantástica: a consideração pela figurabilidade ou pela representabilidade.¹⁰ Trata-se de um outro tipo de deslocamento que substitui uma expressão abstrata por uma concreta e figurativa e tem a vantagem de ter um alcance de representabilidade maior para o sonho, driblar melhor a censura e favorecer os interesses da condensação:

Apenas quando o pensamento onírico, inutilizável em sua expressão abstrata, é transformado numa linguagem figurativa, estabelecem-se mais facilmente entre essa nova expressão e o material onírico restante os pontos de contato e identidades de que o trabalho do sonho necessita, e que cria onde não existem, pois em todas as línguas os termos concretos possuem, devido à sua evolução, maior riqueza de relações devido aos termos conceituais. (Freud, 1900/2019, p. 383)

Para Freud, o trabalho da figurabilidade se articula a uma importante relação conciliatória entre instâncias psíquicas conflitantes, fazendo o empréstimo da imagem sensorial cedida pelo sistema *PCs* à energia proveniente do sistema *Ics* que está à procura de representação. Essa perspectiva é o que vai formalizar do ponto de vista topológico, temporal e formal o aspecto regressivo da experiência onírica, que nos remete imediatamente às formas como Freud vai desenvolver as relações entre o tempo e o espaço no seu modelo de aparelho psíquico. Do ponto de vista topológico, a figurabilidade/representatividade implica no trânsito entre as instâncias psíquicas *Pré-consciente e Ics*; do ponto de vista temporal, temos o retorno da excitação à forma sensorial, portanto alucinatoria, condicionada a um desejo infantil e às formas mais primitivas do pensamento, no seu aspecto formal.

Extraindo as consequências desse modelo, vemos como a figurabilidade/representabilidade é responsável pelo processo de temporalização necessário para que o trabalho de simbolização do sonho aconteça. Temos, de um lado, o sistema inconsciente marcado pela atemporalidade e, de outro, como polo oposto, o sistema perceptivo, ligado à consciência e ao pré-consciente, que reanima o resíduo diurno e outras marcas sensoriais para a confecção do sonho. A articulação entre essas instâncias é o que promove o efeito temporal do sonho que é experimentado com a atualidade sensorial do agora, sob efeito da alucinação. Para Freud (1900/2019), a transformação de pensamento em imagens visuais é, em parte, consequência de uma atração que a lembrança representada visualmente, que busca ser reavivada, exerce sobre o pensamento excluído da consciência que busca se expressar (p. 597). Nesse modelo proposto, a formação do sonho é derivada da sucessão das imagens sensoriais como uma conversão de moedas estrangeiras para a passagem da fronteira do inconsciente ao pré-consciente até chegar à consciência. Freud, alguns anos depois, buscará distinguir também as modalidades de representação de coisa – essencialmente visual –, que estariam referidas ao inconsciente, da representação de palavra – essencialmente acústica. O sistema pré-consciente seria caracterizado pela ligação entre a representação de coisa e a representação de palavra:

Os pensamentos são transpostos em imagens – predominantemente visuais –, as representações de palavras são reconduzidas às representações de coisas que lhe correspondem, como se no todo, o processo fosse governado por considerações atinentes à figurabilidade... Apenas quando as representações de palavras acham nos restos diurnos vestígios frescos, reais, de percepções, e não expressão de pensamentos, é que são tratadas

como representações de coisas e submetidas às influências da condensação e do deslocamento. (Freud, 1917/1969, p. 159)

Esse percurso introduz na direção regressiva do sonho tanto a questão da temporalidade quanto da espacialidade, próprias ao sistema pré-consciente. A temporalidade estando referida à representação de coisa e a espacialidade presente pela composição dos signos de percepção ou identidade perceptiva. A percepção, como polo intermediário entre a realidade externa e a realidade psíquica, é a função responsável pela articulação concreta entre o psiquismo e a realidade, formalizando uma dicotomia sujeito-objeto, realidade interna-realidade externa que estrutura o pensamento freudiano.⁵

Em resumo, o percurso teórico dedicado ao trabalho do sonho, como transformação da matéria psíquica, passa pelo deslocamento das intensidades psíquicas, pela reprodução predominante de traços mnésicos visuais e acústicos, por meio da consideração pela

5 Joel Birman (2012), partindo de uma leitura sociopolítica da clínica, estuda a deterioração do sonho como experiência privilegiada de modalidade de subjetivação na tradição do ocidente. Essa perda do potencial de simbolização da sociedade contemporânea, diante dos seus evidentes empobrecedores recursos simbólicos, leva à perda da potência de revelação do sujeito garantida pelo sonho. Ele utiliza as relações entre as categorias do espaço e do tempo, na estruturação da experiência do sujeito, como a direção interpretativa das questões da contemporaneidade: “A espacialização da experiência toma efetivamente a dianteira desse processo de transformação em pauta, pelo qual a temporalidade progressivamente se apaga e, no limite, quase se suprime”. A interpretação dos sonhos assumiu um lugar fundamental no pensamento freudiano e na cultura, como o método do tratamento e modelo da experiência psíquica resultando no paradigma estético surrealista. Não foi preciso muitos anos para que o seu declínio, como dispositivo simbolizante privilegiado, fosse anunciado, no contexto dos egressos da guerra, seus sonhos traumáticos e das crianças que despertam aterrorizadas.

figurabilidade ou representatividade e a condensação, como operações lógicas formais que se assemelham às relações de linguagem.

Pontalis (1977), para quem “toda conquista se paga com o exílio e toda possessão, com uma perda” (p. 20), insiste no fato de que a conversão do sonho-imagem em sonho-texto, realizada pelo trabalho de interpretação, é uma ação em que alguma coisa fica perdida. O sonho em si mesmo, como objeto da criação humana, é o que ficou perdido no trabalho da interpretação. A passagem do sonho-texto para o que seria o “*objeto-sonho*” (sua dimensão real de espaço, tempo e experiência) vai ser um aspecto fundamental da pesquisa psicanalítica posterior e uma importante perspectiva que altera profundamente a concepção do brincar, como veremos. Essa retomada, a nosso ver, atende à advertência do próprio Freud sobre o cuidado que o psicanalista deve ter em não confundir o andaime com o próprio edifício:

o reconhecimento da importância do sonho não basta para se identificar o autêntico psicanalista. Pois o que conta na teoria do sonho – a partir do status da interpretação na psicanálise, da significação que a atividade associativa toma na fala durante o tratamento, do trabalho do sonho – é a capacidade que ela tem de pensar outros fenômenos e engendrar sua metapsicologia.

Do mesmo modo, pensamos que, ao conceber o brincar como uma expansão do sonho, alguma coisa da ordem da materialidade e seu papel na experiência psíquica fica perdida. O deslocamento do problema do sonho para o problema do brincar exige uma consideração maior em relação ao lugar não só da materialidade como do espaço na história da psicanálise, caminho realizado por alguns analistas contemporâneos, como veremos.

Espaço e materialidade: coordenadas para uma razão lúdica

O apoio do sentido na matéria é realizado de diferentes modos dentro da teorização freudiana. Vimos como a psicanálise, sob o paradigma do sonho, apresenta uma concepção de homem fundamentalmente marcado pela necessidade de prazer e pela capacidade de falar, de representar, de se articular em relação ao discurso e à narratividade. A materialidade da experiência ficou, no entanto, em um segundo plano na compreensão freudiana, podendo ser presumida por meio do rastreamento da noção de objeto e seus diferentes estatutos, do papel do corpo em sua relação concreta com o psiquismo e também pelo do papel do *setting*, como disposição do tempo e do espaço e da presença psicossomática do analista. Fédida alerta-nos sobre o fato de que o conceito de espaço voltou a ser pautado para teorizar a situação analítica da intimidade transferencial em sobreposição à insistente interrogação sobre a relação da fala com suas imagens e “mais precisamente – sobre o invisível dispositivo ótico que cria a condição da fala e de sua escuta” (Fédida, 1991).

Freud, para quem o dispositivo analítico deveria ser considerado, sobretudo, em sua relação simbólica com o analista, estabeleceu, no entanto, algumas variáveis independentes, além do analista, que deveriam assegurar o êxito do tratamento: o espaço; o tempo; o dinheiro; a regra fundamental; a atenção flutuante. O espaço, em referência às condições materiais que asseguram a regra fundamental e a atenção flutuante (o silêncio, o divã), não foi um objeto de preocupação explícita do inventor da psicanálise, embora saibamos que ele não foi indiferente à forma e ao lugar onde escutava seus pacientes.

Topograficamente, o gabinete do dr. Freud⁶ era cercado por estatuetas, quadros, livros e esculturas que imprimiam sua subjetividade na materialidade do espaço e que em nada se aproximavam de um ambiente asséptico onde a neutralidade e a abstinência do analista estariam em jogo. O método topográfico é aquele que privilegia a descrição do aparelho psíquico em termos de espaço e localização. Freud nos adverte que esse modelo espacial não foi utilizado por um desejo de precisão, mas pela vantagem de assim poder demonstrar uma ideia em relação à outra. Podemos nos servir desse mesmo método para inferir algo mais a respeito do papel dos objetos na construção do *setting*, incluindo o próprio corpo do analista. Essa analogia tem o objetivo de antecipar o papel que o brinquedo, o espaço e a presença psicossomática do analista vão assumir na psicanálise com crianças e a vantagem de radicar a materialidade na situação psicanalítica desde o seu primórdio.

A noção de objeto em Freud assumiu diferentes estatutos ao longo da sua obra. A questão sobre sua referência ao objeto externo real ou a um objeto psíquico ou aos dois encontrou diferentes respostas nas pesquisas psicanalíticas posteriores. Coelho (2001) destaca algumas posições fundamentais do estatuto do objeto na obra freudiana. A primeira, em que o objeto é considerado secundário, como objeto da pulsão, em referência à primazia das pulsões na constituição subjetiva. É, portanto, de caráter contingente e essencialmente atravessado pela fantasia. A segunda, em que o objeto é objeto de amor, próprio das modalidades de escolhas amorosas e, por último, a consideração dos objetos como determinantes originários da constituição subjetiva na estruturação narcísica, quando

6 No livro *Sigmund Freud's desk: an anecdoted guide* (Spankie, 2015), encontramos o minucioso trabalho de identificação dos objetos dispostos sobre a mesa de Freud e sua relação com a obra do autor. O argumento parte de um método topográfico sugerindo que a mobília da sala e a organização dos móveis podem evocar narrativas alternativas para as histórias individuais.

o ego passa a ser objeto da pulsão: “Em um tempo em que o início da satisfação sexual ainda está vinculado ao recebimento de alimentos, a pulsão sexual encontra o objeto sexual fora do corpo da criança, na forma do seio materno” (Freud, 1905/2016, p. 125). De fato, para Freud, o primeiro objeto será o modelo para as futuras relações objetais: “Existem, portanto, boas razões para que o ato de uma criança sugar o seio da mãe se torne o protótipo para toda relação de amor. Encontrar um objeto (*die Objektfindung*) é na realidade reencontrá-lo” (pp. 125-126). Essa é uma frase muito citada e talvez a mais reconhecida entre as passagens da obra freudiana em que há uma referência à noção de objeto (Coelho, 2001, p. 40).

A hora do encontro é também despedida. De um modo geral, a teoria psicanalítica vai se desenvolvendo a partir da ideia de que existe uma impossibilidade de relação com o objeto, seja pela impressão do excesso sexual traumático sobre o outro, seja pela mediação da fantasia. Um outro estatuto também assumido pelo objeto que o reposiciona para além da sua existência como objeto da pulsão surge quando as identificações assumem um valor preponderante na formação do narcisismo:

Freud trabalha ainda predominantemente com a concepção do objeto como sendo endopsíquico, nesse momento de sua obra começa a se esboçar a ideia da introdução do objeto, através da identificação (principalmente da identificação primária), como elemento central na constituição da subjetividade. Freud passa pouco a pouco a considerar o ego como um precipitado de identificações, em que o modelo fundamental é a figura paterna. As identificações, como se sabe, ocorrem desde o início da vida, e vão preparando o caminho para o Complexo de Édipo, pedra angular da constituição da subjetividade para Freud. (Coelho, 2001, p. 42)

Por outro lado, a concepção endopsíquica do objeto não parece considerar a natureza do objeto em si, suas qualidades psíquicas ou materiais.⁷ Esse esforço será realizado, como veremos, pelos analistas que deram continuidade ao pensamento freudiano, nas escolas pós-kleinianas e, sobretudo, winnicottianas.

A preocupação com a materialidade em Freud, como as relações concretas entre psiquismo e realidade, surge ao redor do tema do corpo concebido além das suas relações simbólicas e imaginárias com o psiquismo. Winograd e Mendes (2009) destacam três condições em que o corpo oferece o suporte material para a produção psíquica: no conceito de pulsão, entendido como um ponto de indiscernibilidade entre o corpo como organismo e o corpo como sujeito, na constituição do Eu sobre uma base corporal que o determina e os sintomas histéricos e a noção de complacência somática.

Um outro ponto importante no estudo da materialidade e sua relação com o objeto em Freud foi mais diretamente abordado por Fédida (1978) em seu trabalho sobre o *objeu* – referindo-se à aglutinação na língua francesa das palavras objeto e brincar. A expressão sintetiza uma relação dialética entre a forma e a função do objeto, “uma dissolução do conceito, suspensão da forma e da função do objeto” (Leite, 1996). Para Fédida, a noção de *objeu* diz respeito ao efeito de “desinstrumentalização” prática e “desfuncionalização” social do objeto promovido pelo trabalho do brincar do mesmo modo que se concebe um trabalho de sonho e a distorção das imagens sensoriais. O objeto do brincar seria aquele capaz de

7 Laplanche (1987/1988), com a retomada da teoria da sedução, reafirma a materialidade da sedução veiculada pela mãe e seu papel duplo comutador: aquela que introduz a sexualidade e ao mesmo tempo ajuda nos processos de metabolização do excedente pulsional. O apoio da sexualidade nas funções corporais e o estabelecimento das zonas erógenas concebidas como zonas de troca e de trânsito com o mundo externo confirmam a materialidade da sedução veiculada pela relação mãe/bebê.

descapturar-se das suas funções sociais e sua instrumentalização prévia e ficar a serviço da atividade do brincar. Para Fédida, o brincar seria pré-figural à potência da simbolização, e não o seu efeito; o brincar, ao promover a des-significação, abre para novas produções de sentido (Leite, 1996).

Acreditamos ainda que outro aspecto da materialidade que merece consideração, na medida em que estabelece também relações concretas entre o psiquismo e a realidade, é a formação do objeto fetiche e do objeto fóbico, como exemplares da articulação entre o objeto externo, real, concreto e as formações psíquicas.

O espaço e a materialidade ganharam força na teoria psicanalítica contemporânea a partir de onde o brincar emerge como um modelo para o método psicanalítico assumindo a importância teórica, técnica e clínica complementar ao sonho desde Freud. A expansão das coordenadas do sonho – tempo e figurabilidade – para as coordenadas do brincar – espaço e materialidade – é o que estamos denominando como uma razão lúdica.

A razão lúdica se desenvolve como o método de tratamento e o modelo da experiência psíquica na medida em que ocorre um deslocamento, no interior da pesquisa psicanalítica, da ênfase das questões intrapsíquicas para o campo intersubjetivo. Esse movimento encontra sua forma embrionária pouco desenvolvida no pensamento freudiano e se expande na medida em que avançam as pesquisas sobre a relação com o corpo materno como continente, superfície de apoio e máquina metabolizadora dos conteúdos projetivos, diante das quais uma fenomenologia psicanalítica do espaço e da materialidade (incluindo aqui, sobretudo, a sensorialidade) tornou-se necessária.⁸

8 Cf. Fédida (1991): “É verdade que a inclinação natural do conceito – de espacialidade – foi facilitada pela referência sistematizada ao sonho, assim como à atemporalidade do inconsciente. Mas é do imaginário contratransferencial

O brincar como um sonho expandido

Freud não explicitou uma teoria do brincar propriamente dita, mas não se furtou de mencioná-la em diferentes momentos da sua obra. Esse percurso envolve os trabalhos da primeira e segunda década, partindo de *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016) e o caso Hans (Freud, 1909/1969) como uma síntese clínica das questões levantadas pelos textos que o precederam. Encontram-se também nesse período “Escritores criativos e devaneio” e “Personagens psicopáticos no teatro” (Freud, 1908b) fazendo uma referência direta ao brincar.

A partir de 1920, com a reviravolta de *Além do princípio do prazer* (1920/2010), que irá incidir sobre toda a teoria dos sonhos, sobre as questões relacionadas à simbolização e, de um modo paralelo, sobre os objetivos do tratamento psicanalítico, o brincar faz uma importante aparição para compor, junto com os sonhos traumáticos e a compulsão à repetição, a demonstração das falhas na função da representatividade. Já em *Inibição, sintoma e angústia*

do corpo materno no tratamento que o conceito empresta a facilidade de sua verdadeira declividade. Desse ponto de vista, é difícil para a clínica psicanalítica renunciar a uma espécie de fenomenologia do espaço da comunicação inter-humana e dos intercâmbios mãe-criança, nos quais a função imaginante da fala comporta, devido a sua escuta, uma capacidade de receptáculo, de continente ou de envelope. A fonte ideológica – mais que metapsicológica – dessa espacialização visual da fala reside nas ideias conexas da projeção transferencial da psique e da constituição materna de um espaço da compreensão e da interpretação. Se, de um lado parece mais fácil elaborar uma modelização da situação analítica sobre as bases de uma psicologia da sensorialidade que, por sua vez, comanda uma forma materna tanto da espacialidade quanto da visibilidade imaginárias do conteúdo das palavras, de outro, seria inconcebível privilegiar de alguma maneira essa modelização espacial em detrimento do engendramento temporal dos lugares na análise” (p. 77).

(1926/2014), Freud extrai as consequências de algumas importantes reformulações para pensar a questão da angústia quando surge novamente uma referência direta ao brincar com o jogo do esconde-achou.

O ponto de partida para a inscrição do brincar na racionalidade clínica foi a publicação do caso Hans (Freud, 1909/1969). No artigo, que é uma síntese comprobatória das recentes descobertas dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016) em resposta às questões da sexualidade infantil que surgiram desde *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), Freud apresenta o caso de uma criança – que brinca! –, embora não elabore especificamente uma teoria sobre o brincar a partir dele.

A primeira menção direta ao brincar surge no ano anterior ao caso Hans, no texto “O escritor e a fantasia” (Freud, 1908b), reaparecendo durante o mesmo ano em “Personagens psicopáticos no teatro” (Freud, 1942/2016), publicado postumamente. Em “Escritores criativos e devaneios”, o brincar é um precursor das fantasias e da atividade criativa:

Acaso não poderíamos dizer que ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma forma que lhe agrada? Seria errado supor que a criança não leva esse mundo a sério; ao contrário, leva muito a sério a sua brincadeira e dispense na mesma muita emoção. (Freud, 1908b, p. 135)

A ideia a ser formulada é de que o brincar não é a antítese do que é sério, mas daquilo que é real. Freud vai chamar a atenção para a preservação na linguagem da associação entre a criação poética e o brincar por meio do uso do termo *spielen*, que, em alemão,

significa brincar e também representar, como atores no teatro. Ele coloca em relevo o que está compartilhado entre o brincar e a criação artística, que é a presença da fantasia.

No texto “Personagens psicopáticos no teatro” (Freud, 1942/2016), escrito em 1906 e publicado postumamente, a relação entre o brincar, a criação artística e a fantasia também está presente. Freud afirma que a participação da plateia de um teatro em jogo dramático funciona como o equivalente de uma brincadeira infantil: tanto o artista no teatro como o público fazem da cena um substituto do brincar, em que se podem ver encenados alguns dos seus desejos dentro de um enquadre considerado normal pela cultura.

A compreensão e o interesse de Freud pelo brincar, nesse primeiro momento, são desenvolvidos a partir da teoria geral dos sonhos, a saber, do sonho como realização de desejo, ficando à disposição da criança os mesmos recursos do sonhador para tratar a realidade e ajustá-la em certa medida ao desejo. Trata-se de uma teoria em que o desejo produz um sentido que se anuncia no sonho e, por meio da sua interpretação, seria possível explicitar os mecanismos e instâncias que envolvem o psiquismo humano. Freud, tomando o brincar tal qual um sonho acordado, apresenta uma criança que constrói um mundo próprio e reajusta os elementos do seu mundo da forma que lhe agrada. Esse sonho acordado e encenado da infância dará lugar às fantasias e devaneios do mundo dos adultos que continuam, por assim dizer, cumprindo a mesma função de um sonho desejante.

Um segundo modelo do brincar em Freud vai surgir no lastro de uma importante reformulação teórica da teoria dos sonhos como realização de desejo. Freud passou a defender a ideia de que, na brincadeira, não se trata só de ajustar a realidade àquilo que se quer, mas também de transformar algumas experiências em

brincadeira. Mais do que isso, interessa-lhe saber por que a criança brinca com as experiências desprazerosas.

O *fort-da* foi a brincadeira observada por Freud em seu próprio neto, de 1 ano e meio, diante da ausência, por um curto período, da mãe da criança. A conclusão de Freud foi de que o menino brincava com o desaparecimento das coisas, representando a ausência em um trabalho de simbolização. A partir de 1920, em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), o brincar passa a assumir uma função de simbolização.

O ponto de partida do texto freudiano, é importante destacar, são os fenômenos da repetição dos sonhos traumáticos, os quais trazem grande desprazer ao sonhador e que não poderiam ser compreendidos dentro do território do sonho como realização de desejo. Disso colocamos o brincar como tentativa de temporalização da experiência, no sentido de que a repetição representa o colapso do tempo.

A brincadeira aqui, diferentemente daquela de “O escritor e a fantasia” (Freud, 1908b), é o modelo de um trabalho psíquico que advém da ausência ou da perda do objeto. A ação realizada por meio do brinquedo transforma a experiência passiva de ser deixado na atividade de abandonar como um primeiro caminho que abre o processo de simbolização.

Por fim, no texto *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014), Freud aborda, ainda que de forma breve, a brincadeira de esconde-achou. A ansiedade para Freud vai despontar com o nascimento por meio da ruptura com a condição intrauterina e sua repetição ao longo das sucessivas separações. Nos seus termos, “a situação de sentir falta da mãe não é uma situação de perigo, mas uma situação traumática . . . o primeiro determinante de angústia é a perda de percepção do objeto que é equacionada com a perda do próprio objeto” (Freud, 1926/2014, p. 165).

Novamente, a brincadeira surge não como uma preocupação específica de Freud, mas como aquilo que aponta as questões da angústia das quais ele tratará ao longo do texto. A brincadeira do esconde-achou é uma tentativa da mãe de que a criança reconheça que ela vai e, de um modo geral, volta. Freud vai nos dizer que “a mãe encoraja esse conhecimento que é tão vital. Nessas circunstâncias a criança pode, por assim dizer, sentir anseio desacompanhado de desespero” (Freud, 1926/2014, p. 165).

Pequeno Hans revisitado: o brincar em perspectiva

Os sintomas são uma maneira de pensar a respeito de coisas difíceis, pensar com o som desligado. Talvez uma das razões pelas quais Freud se sentia tão intrigado com as fobias . . . fosse o fato de que a delimitação de uma fobia constituía o modelo para a delimitação de uma teoria. Uma fobia, como teoria psicanalítica, é uma teoria sobre o local onde se encontram as coisas turbulentas. E essas teorias, como seu paradigma fóbico, se organizam em torno de uma fantasia do impossível, do inaceitável, em sua forma mais extremada. (Phillips, 1993/1996)

Um menininho brinca de banheiro em um cômodo escuro da casa. Ao ser surpreendido pelo pai com o pênis nas mãos, ele responde: estou fazendo xixi. A brincadeira, cena de abertura do texto “A análise da fobia de um menino de cinco anos” (Freud, 1909/1969), foi descrita pelo pai nas cartas-relato do acompanhamento que fazia do próprio filho sob a supervisão de Freud. Ao que parece, esse

foi um dos primeiros relatos clínicos de brincadeiras publicados, o primeiro recorte da ação de brincar destacado como um fenômeno a ser inscrito na racionalidade médica. A fronteira entre os fenômenos normais e patológicos, que mereciam ser considerados como fatos clínicos, havia sido borrada desde *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/2019), em que Freud partiu de um fenômeno normal para descrever processos psíquicos que seriam semelhantes à formação dos sintomas da neurose. Como um efeito dessa forma epistemológica incipiente e a partir do mesmo gesto teórico, o brincar surge como fenômeno a ser observado e decifrado. Não causa espanto que daí em diante ele venha a fazer parte das considerações de qualquer clínico que se coloque diante de uma criança.

A “Análise da fobia de um menino de cinco anos” (Freud, 1909/1969) tornou-se uma referência da psicanálise na medida em que, a partir da observação clínica do menino, que ficou conhecido por pequeno Hans, Freud corrobora grande parte das suas teorias sobre a sexualidade infantil que haviam sido recentemente publicadas nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (Freud, 1905/2016) e desenvolve uma compreensão acerca da vida mental infantil, ao mesmo tempo que retoma uma importante discussão nosográfica da fobia. O material clínico referente ao caso foi utilizado ainda na proposição das teorias sexuais infantis ilustrada nos textos *O esclarecimento sexual das crianças* (Freud, 1907/2015) e “Sobre as teorias sexuais da criança” (Freud, 1908c/1969). Trata-se, portanto, de uma grande síntese que reúne a interpretação dos sonhos e a teoria da sexualidade infantil na ilustração de um caso clínico. As questões levantadas pelo caso e seus desdobramentos foram exaustivamente retomadas pelos psicanalistas pós-freudianos. O interesse que o caso suscita, nesse esforço de compreensão histórica conceitual do brincar na obra de Freud, repousa sobre a observação de que Hans, sobretudo, brinca. E o próprio fato de que sua brincadeira não seja objeto das preocupações diretas de Freud,

diluindo-se entre sonhos e as associações, já nos diz de um lugar impreciso do brincar no pensamento do autor ao mesmo tempo que compõe o campo empírico-fenomenológico a partir do qual Freud elabora suas teorias.

Veremos como se deu a análise do caso para, em seguida, desdobrarmos algumas questões condensadas pela teoria da construção do objeto fóbico. O caso será apresentado conforme a cronologia da publicação do relato com o acento das brincadeiras que surgem em alguns momentos. A ideia é articular a construção do objeto fóbico ao processo de simbolização como forma correspondente ao brincar e ao que denominamos por razão lúdica, na medida em que envolve necessariamente a participação, por meio da projeção, de um objeto externo em uma relação concreta com o psiquismo. Pretendemos articular essas relações ao que se desenvolverá posteriormente como sendo a teoria do brincar em Klein e a do objeto transicional em Winnicott, guardadas as devidas diferenças.

O caso Hans foi realizado pelo próprio pai do menino sob a supervisão de Freud, o qual recebia seus relatos e chegou a encontrá-lo apenas uma vez. O relato começa por volta dos 3 anos, quando o menino dirige toda sua atenção ao pênis. A investigação, como reforça Freud, não se limitava a uma pesquisa teórica, mas também ao desejo constante de tocá-lo e de se masturbar.

Às voltas com o que Freud denominou como sendo o grande acontecimento da vida do menino, a chegada de sua irmã, surge o primeiro relato de sonho em que Hans se encontrava com uma amiguinha das férias na casa de praia. O sonho, reconhecido pelo pai como uma realização do desejo de retornar para lá, foi sucedido pelo que o pai denominou como uma elaboração em fantasia das reminiscências vividas das férias na praia: Hans brinca com as amigas imaginariamente como se fossem suas filhas. Hans continua sua pesquisa teorizando sobre a universalidade do pênis e

criando uma segunda brincadeira, em que faz de um armário um banheiro.

O início da fobia foi marcado pela presença de um sonho angustiante em que a mãe havia ido embora. Freud vai chamar atenção para os fatos que precedem os sintomas fóbicos, dando especial atenção à intensificação dos sentimentos ternos em relação à mãe e a suas tentativas de sedução quando pede para ela tocar em seu pênis. Para Freud, foi esse apego que se transformou em angústia ainda sem um objeto específico que pudesse representá-la. Hans dizia para a babá apenas que na rua sentia falta de sua mãe e não queria ficar longe dela. A angústia conectou-se a um objeto externo durante um passeio, quando Hans passa a ter medo de que um cavalo possa mordê-lo na rua.

Os elementos para a escolha do cavalo como objeto fóbico, segundo Freud, devem-se a duas questões: o apreço do menino por cavalos em função dos seus grandes “pipis” e à comparação com sua mãe, que, também sendo grande, deveria ter um grande pipi. Freud supõe nesse momento que o cavalo seria um substituto da mãe – hipótese que será posteriormente rechaçada.

De posse desses elementos, Freud propõe uma primeira interpretação ao pai. Pede que ele diga para Hans que os cavalos são bobagens e que na verdade o menino gostava muito de sua mãe e queria que ela o levasse para a sua cama. Além disso, Freud orienta o pai a esclarecer para o menino sobre o fato de que as mulheres não possuem pênis. Essas elaborações diminuíram temporariamente os sintomas que reapareceram durante um adoecimento. Apesar da afirmação do pai de que cavalos não mordem, o menino retoma uma conversa em que escutou do pai de uma amiga: “se você apontar o dedo para ele, ele morde” (Freud, 1909/1969). Diante dessa lembrança, o pai de Hans interpreta – parece-me que

você não quer dizer um cavalo, mas um pipi, onde ninguém deve pôr a mão.

Em seguida, Hans constrói a fantasia de que em seu quarto havia uma girafa grande e outra amarrotada. Na cena, a girafa grande grita quando ele leva a amarrotada para longe e depois ele se senta em cima dela. A aglutinação desses elementos de hostilidade, autoridade, medo e culpa reforçou a convicção de que o cavalo seria um substituto do pai o qual o menino temia em razão da intensidade dos seus desejos incestuosos e dos sentimentos hostis que eram dirigidos ao pai e razão desse afeto. Nessa direção, em seu primeiro e único encontro com Hans, Freud, associando o preto ao redor da boca com o bigode do pai, interpreta que ele tinha medo do pai porque gostava muito da sua mãe e que acreditava que seu pai estava chateado com ele por isso, mas que não era verdade e não era preciso ter medo.

Hans conta ao pai que tinha medo especificamente dos cavalos que têm alguma coisa na boca, das carroças de mudanças e de ônibus, porque uma vez presenciou um cavalo cair do ônibus. Freud vai interpretar essa cena como um fator precipitante da fobia, ao ver o cavalo cair e supor sua morte. Hans percebeu um desejo de que seu pai caísse morto daquele mesmo modo. A interpretação soluciona a correspondência fóbica estabelecida entre medo de cavalo e medo-ódio do pai.

A consequência da interpretação freudiana produz de modo imediato a transformação da fobia em uma brincadeira de cavalo: o menino performa o trote, o relincho, coloca uma focinheira de mentira e morde o pai. Essa brincadeira que se desenvolve numa fantasia de desejo ao mesmo tempo representa uma identificação ao pai: agora ele era o cavalo. Como efeito dessa identificação e o desmonte da organização fóbica, Hans passa a desobedecer ao pai, na medida em que não precisa mais temê-lo.



Este livro é dedicado ao estudo da mais universal das características do ser humano, que é sua capacidade e necessidade de brincar. Analisando como a ação de brincar foi entendida e aplicada na história da psicanálise (ocupando-se de Freud, Klein e Winnicott), Marília Velano mostra que a dinâmica dessa ação corresponde à dinâmica do encontro e da prática psicoterapêutica psicanalítica. Mais ainda, o paradigma do brincar, analisado em perspectiva histórico-crítica-comparativa – na sua relação com os sonhos, a simbolização e todos os processos psíquicos –, é perscrutado como aquilo que leva o ser humano a encontrar-se consigo mesmo, com o outro e com a cultura.

– ***Leopoldo Fulgencio***

série

PSICANÁLISE CONTEMPORÂNEA

Coord. **Flávio Ferraz**

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-800-9



9 786555 068009



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Razão onírica razão lúdica

Perspectivas do brincar em Freud, Klein e Winnicott

Marília Velano

ISBN: 9786555068009

Páginas: 340

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
